2.º anno — Lisboa, 27 de julho de 1885 — Numero 2

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

UM CASAMENTO BRETÃO

CHRONICA

UMA semana de *corridas*

Corridas espaventosas na praça do Campo de Santanna; corridas de progressistas (ramo Correia de Barros) á cidade da Virgem; corridas do indigena desconfiado ao Monte-Pio geral.

Houve de tudo.

Só o chronista é que não correu no encalço dos Bargossi da politica e das finanças: vio os touros de palanque, na mais invejavel das tranquillidades, sem ter de arengar, sobre a marcha dos negocios publicos, aos banqueteados do Palacio de Crystal do Porto, nem de ir levantar um ceitil da caixa do Monte-Pio da rua do Ouro.

E isto pela simples rasão de que não tem fundos em caixa, nem o nome inscripto nos registros de qualquer corrilho politico. Vive á sua vontade, sereno, imperturbavel e liberrimo, sem que o sobresalte o descredito das instituições bancarias do paiz, nem o impressione a discordia latente entre patuleias e reformistas.

Verdade, verdade, quantos não invejarão para ahi esta pobreza franciscana e esta doce quietação patriarchal d'um sujeito, que não deposita metallico em Bancos, e que não é forçado a acompanhar extra-muros, quer chova quer vente, todos os cyrios politicos da sua boa terra portugueza!

Imagine-se que nós tinhamos, sem proveito, a grandissima honra de adorar os ideaes do sr. Braamcamp e de commungar na egreja do sr. Oliveira Martins. Que d'incommodos e despezas não lamentariamos hoje, depois de recolhidos aos nossos penates, e de extinctos os ultimos echos da ruidosa festa portuense!

Que d'incommodos, e que de descomposturas ainda por cima, além da responsabilidade gravissima do commettimento!

Porque, emfim, chega a ser um caso serio e de consciencia, arrastar o venerando sr. Braamcamp n'estas corridas de dezenas de leguas, e a estes banquetes pantagruelicos com *mayonnaise de saumon, poisson à la Joinville,* Champagne *frappé* e vinho de Sauterne.

Sob o calor damninho de julho, exposto á influencia perniciosa do *bacillus virgula* e das comidas indigestas, o honrado chefe progressista pode muito bem apanhar uma colica, ou derreter-se como uma carapinhada, o que é ainda peior.

Ora, quando um chefe de partido se derrete, esse partido deve pôr termo á existencia, fatalmente, para se penitenciar de o ter deixado derreter.

Depois, os regeneradores—má gente!—fazem amargar os jantares e as viajatas de cada um. Gasta-se dinheiro; jornadea-se em 1.ª classe; apanham-se soalheiras; estraga-se a casaca das grandes solemnidades; enxovalham-se, com pingos de Falerno, os alvissimos peitilhos das camisas de bretanha; faz-se das fraquezas forças; deita-se discurso; anda-se em risco d'apanhar nma pedrada, e no fim d'isso tudo, que synthetisa sacrificios gigantes *pro patria*, as folhas governamentaes caçoam do caso com o maior dos desplantes; mettem á bulha os sacrificados; chacoteam da caravana; descompõem os bons patriotas da *vida nova;* não os deixam, ao menos, saborear a ultima gotta da divina Ambrozia, libada por taças de crystal nos agapes do Olympo portuense.

Uns tyrannos, estes regeneradores!

Ora, como já disse, eu estou a coberto das descomposturas violentas das gazetas, porque não fui ao Porto apaziguar os senhores progressistas dissidentes; e conservo-me alheiado ás commoções dos depositantes do Monte-Pio geral, porque ainda não depositei n'elle cousa alguma, além da minha confiança mais profunda.

O que faz viver-se da graça de Deus, como o outro que diz, e de quanto vale o não ser patuleia!

=Que isto de finanças e de dinheiros não navega em mar de rosas sereno e limpido, é incontestavel. Anda no ar um sopro nefasto de guerra, peste e fome. Presente-se a miseria proxima. As epidemias, as conflagrações e os conflictos lá de fóra reflectem cá dentro as suas consequencias deploraveis, aggravadas pelos nossos erros, que são de todos os tempos e de todos os governantes.

Anda tudo por ahi muito falho ao naipe, alimentando vicios com que não póde, e gastando aquillo que não tem. A resultante d'este *modus vivendi* insustentavel, é dar-se hoje um abalo profundo no nosso credito, e logo outro, e ámanhã outro, e em seguida muitos e mais fortes, até que vem a ruina com o seu triste cortejo de miserias, até que chega a bancarrota com o seu estendal de desgraças irremediaveis e medonhas.

Depois, ha sempre uns patifes quaesquer—almas damnadas e mesquinhas—que se comprazem em carregar o quadro com tintas ainda mais fortes, imprimindo-lhe um tom assustador de procella imminente. Os nossos fundos andam cotados em Londres pelos olhos da cara, a 48 e 1⁄8, mais depreciados que os fundos hespanhoes? Pois vamos fazel-os descer a 45—dizem os taes patriotas—e forjemos intriguinhas commerciaes, e architectemos umas tricas e insidias financeiras, para ver até onde chega a *degringolade*.

Foi d'estas tricas, d'estas intriguinhas e d'estas insidias liliputianas que nasceram as ultimas corridas ao Monte-Pio-geral, o estabelecimento bancario mais poderoso e mais serio de Lisboa. O indigena, que corre sempre a foguetes, e que só pára quando vê um gato cair do telhado sobre o *trottoir*, ou o bando dos toiros seguir rua abaixo, distribuindo programmas para a festa dos Robertos, correu logo a levantar os seus depositos.

Não lhe importou saber se tinha havido manejos de especuladores villões, nem serviu d'attenuante á sua desconfiança pacovia, o facto de vêr restituir integralmente, pelo Monte-Pio infamado, todas as sommas que cada qual ali ia levantar, pequenas e grandes, insignificantes e enormes.

Maria vae com as outras, o nosso bom burguez, protector strenuo de tudo quanto o explora e caçôa, e desconfiado, por habito, de tudo quanto é verdadeiramente honesto, desconfiou do caso, e foi á rua do Ouro, em procissão que durou a semana inteira.

No fim d'aquelle praso, quando lhe disseram que o *Comptoir d'Escompte* enviára 100.000 libras para reforço da caixa do Monte-Pio, e quando ouviu attribuir a um servente d'aquelle estabelecimento—misero e triste servente!—as tricas que determinaram a corrida, o credulo burguez, nosso amigo e compatriota, cahiu em si, tornando a depositar as quantias levantadas, e dizendo para a familia, á hora do repasto quotidiano, n'um tom compungido, com laivos d'arrependimento sincero:

—Fui comido, e fiquei, ainda por cima, sem os juros de sete dias!

Mas emfim, Deus louvado, a corrida acabou. *Tout est bien ce qui finit bien,* e ponhamos ponto no assumpto.

=Sobre as tricas bancarias, os receios do cholera. Receios pueris e infundados.

O microbio cholerico é um patusco de bom humor, de espirito finissimo, e de caridade muito mais que evangelica. Se tivesse de vir assaltar-nos, já tinha vindo. Se não vem, é porque, decididamente, não quer.

Todos os dias uns Antonios Martins e uns Manueis Gregorios, gallegos, entram muito socegadamente na cidade de Ulysses, sem que em Melgaço ou Valença

lhe houvessem pedido attestado de quarentena. E no entanto, a epidemia conserva-se a respeitosa distancia, fóra dos nossos dominios, á espera que Ferran cumpra a promessa feita ao governo hespanhol, de acabar com ella no praso de cinco dias.

Convencidos de que o flagello não chega até nós, e de que, por isso, não morrerá ninguem, os nossos poderes publicos nem se dão ao incommodo de mandar construir um cemiterio para cholericos.

Digam-nós se ha poderes mais previdentes e cholera mais attencioso!

=Por ora, a Hespanha, em vez de nos arrendar de trespasse o flagello, vae-nos mandando companhias de Zarzuela para o Colyseu dos Recreios.

Como veem, em materia de generosidade o paiz visinho leva-nos a palma. Fica-se lá com o *bacillus* cholerico, com os *spiriliums*, com os *oosperas*, com os *oogonas*, com toda essa cambada ruim d'infinitamente pequenos, que já lhe deram cabo de sete mil e tantas vidas; e, n'um excesso d'amor pela patria de João Pinto Ribeiro, envia-nos tiples bonitas e *salerosas*, depois de nos ter enviado a batuta magica do Breton.

Pois para sermos reconhecidos á gentileza dos hespanhoes, vamos ao Colyseu ouvir a *señorita* Negri, emquanto as *ex-señorita* Pepa não varia de reportorio na Trindade, e o funambulo Blondin não trabalha a 40 metros de altura do solo, entre as feras do Jardim Zoologico, enlaçando nos braços vigorosos a cintura delicada de mademoiselle Clairence, o prodigio da proxima semana.

E n'este entrementes, não pensemos no cholera, que é assumpto esgotado.

CASIMIRO DANTAS.

RECORDAÇÃO DE HESPANHA

O ARROZ Á VALENCIANA

PARECE que foi ainda hontem que estivemos em Madrid, que foi hontem que ouvimos a voz quente e sympathica de Moret, os brindes dos jornalistas, as malagueñas da Sanz, os versos de Campoamor, e as melodias dos discipulos de Arrieta; e comtudo já lá vão dois annos, já a Hespanha teve depois d'isso meia revolução, varios fusilamentos, os terremotos, o cholera e tres crises ministeriaes! Os jornalistas que então nos acompanharam e nos acolheram hospitaleiramente estão já dispersos ao vento do acaso. D. Leopoldo Alba Salcedo, um jornalista de physionomia inglezada, de barba ruiva e olhar um pouco duro, é hoje ministro na China. D. Frederico Villalva, o redactor do *Chronista*, um sujeito de aspecto militar, que mostrava n'um riso constante uma fiada de dentes brancos e anavalhados que deviam morder valentemente no adversario, morreu. E o que será feito dos outros? *Chi lo sa!* Cada um remou para seu lado, levado pelos acasos da vida.

A' medida, porém, que o tempo vae correndo, a memoria d'esses oito dias passados em Madrid vae-se tornando cada vez mais deliciosa. Recordamos com intimo prazer os mais insignificantes episodios d'aquella excursão, e não é dos menos curiosos aquelle a que se refere o titulo d'este artigo.

Combinará-se para um certo dia um passeio ao Pardo. S. M. el-rei Affonso XII pozera amabilissimamente á disposição dos jornalistas dois dos seus *breaks*, e os nossos confrades hespanhoes avisaram-nos para que estivessemos promptos de manhã muito cedo, porque deviamos ir almoçar ao Pardo, a velha casa de campo de Filippe II, termo obrigado das suas viagens, segundo dizia o traquinas do filho, se é certo o que conta o bom do Saint-Réal.

A's sete horas da manhã já nós estavamos a pé, mas ás sete horas da manhã Madrid dorme a somno solto. E não admira. Quando ás 4 horas da manhã os cafés regurgitam de freguezes, e jorram torrentes de luz pelas suas portas abertas de par em par, quando a essas horas se passeia na Puerta del Sol, como nós podemos passear no Rocio ao anoitecer, como querem os leitores que ás sete horas da manhã se não durma a somno solto n'uma cidade essencialmente nocturna?

A's oito horas apparecia emfim o *break*, appareciam os jornalistas hespanhoes, mas não se conseguia ainda pôr tudo em movimento; faltava um collega nosso que morava n'outro hotel, uma das senhoras completava á pressa a sua *toilette*, Gervasio Lobato descia mansamente os noventa e oito degraus do hotel dos Embaixadores, muito espantado por lhe dizermos em côro que estavamos todos á espera d'elle, e um leque que esqueceu, e um binoculo que ficou em cima da meza, e que D. Modesto encarregava um criado de ir buscar a toda a pressa, e o arranjar da turba dos convidados n'este ou n'aquelle break, e o nosso pobre Antonio Batalha Reis (a quem foi tão fatal um outro *break* menos divertido) que disserta, e Antonio Duarte que perora, e Rancés, um scintillante redactor da *Epoca* que faz espirito, e Eduardo Schwalbach que ri a bandeiras despregadas, tudo isto fez com que só ás nove horas da manhã se pozesse a caminho o *break*.

Já n'esse momento, devemos confessal-o, tinhamos reflectido com certa inquietação que umas torraditas e uns biscoitos não deixariam de ser um viatico apreciavel para a jornada. Mas emfim o movimento, a alegre conversação dos nossos companheiros, o aspecto das novas paizagens que se iam desenrolando diante de nós, tudo isso nos distrahio por forma tal que as timidas reclamações do estomago foram completamente desattendidas.

Chegámos ao Pardo. A recepção foi o mais cordeal que podia imaginar-se. Emfim, uma recepção como as que tivemos por toda a parte em Hespanha, que não havia extremos de delicadeza de que os Hespanhoes se não lembrassem para nos tornarem agradavel a nossa residencia entre elles.

No Pardo ha um asylo, semelhante um pouco, ao que nos pareceu, no seu intuito e na sua organisação, á nossa Casa Pia. Apresentaram-nos logo os nossos excellentes companheiros o sr. Benitez, chefe do estabelecimento ou presidente da commissão directora. Um homem illustradissimo, e de uma amabilidade que excedia todos os limites.

—Caballeros, disse-nos elle em puro castelhano, pareceu-me que lhes seria agradavel almoçarem debaixo das arvores! hem?

—Um almoço debaixo das arvores! exclamei eu radiante de jubilo. E' simplesmente encantador! um almoço de Tytiro e de Menalca! E' uma idea delicadissima! Vamos para debaixo das arvores, e que arvores! arvores annosas que talvez tivessem conhecido Filippe II! Oh! como será bom o almoço á sombra d'essas veteranas da floresta! Vamos a isso.

—Ainda não! Está-se preparando a mesa. Aproveitemos o tempo visitando o asylo.

—Oh! com mil vontades! exclamei eu um pouco desapontado.

E, confesso-o aqui á puridade, deveria ter dito: novecentas e noventa e nove, porque em boa consciencia, a vontade de almoçar não a podia eu metter na conta.

Visitámos o asylo, que era na verdade excellente. As creanças alegres e satisfeitas, um aceio completo, as aulas em plena actividade, uma verdadeira maravilha de boa ordem e de acertada direcção.

Eu caminhava encantado, mas, sempre que chegava a alguma janella—para que hei de occultal-o?—lançava um longo olhar para o copado arvoredo, onde se abrigavam, a essa hora, de mistura com as violetas que me não importavam para nada, as deliciosas omeletas.

Sahimos emfim do asylo, cheios de enthusiasmo, é certo, mas só de enthusiasmo. Atravessámos o vasto terreiro, ao fundo do qual se alinhavam as primeiras arvores do bosque

—Sabe? disse-me o amavel sr. Benitez, enfiando-me o braço. Não tinham ido os creados pôr a meza ao sol!

—Ao sol! exclamei eu. E as arvores?

—Parece que de proposito escolheram as mais magras e rachiticas Mas já mandei desmanchar tudo.

—O que? o almoço? exclamei eu aterrado.

—A mesa! Que a tornem a pôr á sombra. Vamos nós entretanto vêr as tapeçarias.

—As tapeçarias! tornei eu sem saber o que dizia.

—Oh! uma collecção extraordinaria! a mais rica de todo o mundo. Venham d'ahi.

Seguimol-o. Que haviamos de fazer? Mas as physionomias da turba indicavam bem o que se passava no fundo das suas almas e no fundo dos seus estomagos.

Collecção admiravel a tal das tapeçarias, isso é que não tem duvida, pelo menos collecção muito grande! Enorme! interminavel! Succediam-se as salas, succediam-se as tapeçarias, e era indispensavel que nos extasiassemos deante de cada uma d'ellas, e que ouvissemos a sua historia especial, e o nome do pintor que dera o modelo, tudo quanto podia interessar profundamente uns visitantes que tivessem almoçado.

Rancés, sempre um tagarella de primeira força, ia silencioso e pallido. Este Rancés era um rapaz de uma convivencia adoravel. Gostava immenso de fallar francez, e era sempre n'essa lingua que trocavamos as nossas impressões. Uma vez, estavamos nos toiros, e Rancés applaudia enthusiasticamente nas scenas mais repugnantes. Depois voltava-se para nós, e sem deixar de applaudir, dizia-nos:

—*C'est affreux, n'est-ce pas?*

E, voltando-se outra vez para a arena continuava:

—*Bravo! bravo!*

Foi para esse fiel companheiro que eu me voltei ao largar a centesima quinta tapeçaria.

—*Rancés!*

—*Hein?*

—*Eh! bien! et ce déjeûner?*

—*De plus en plus problématique.*

Estas palavras foram pronunciadas em voz cava e soturna. Assim se trocariam tambem as ultimas phrases proferidas pelos naufragos da *Medusa*, a bordo da famosa jangada.

O que se segue a phrases pronunciadas n'esse tom é a antropophagia. Por isso eu e Rancés olhámos complacentemente para Gervasio Lobato, que caminhava adeante de nós, grave e descuidoso, porque naturalmente almoçára em segredo antes de sahir.

Depois de admiradas convenientemente as tapeçarias, sahimos do palacio, e soltámos um suspiro de allivio ao encontrarmo-nos ao ar livre. Na orla do arvoredo já appareciam alguns criados de gravata branca, incidente que nos parecia de bom agouro, e que o era effectivamente.

A' sombra do arvoredo, ostentava-se, elegantemente adornada, a mesa do almoço. O jubilo com que a ella nos sentámos só o comprehenderá quem alguma vez se viu em tão angustiosas circumstancias. No momento em que nos sentámos, o relogio do Pardo deu tres horas. Eram tres horas da tarde!

O primeiro prato que me serviram foi «arroz á valenciana».

Quando voltei a Portugal, houve uma senhora que me perguntou:

—Comeu em Hespanha arroz á valenciana?

—Sim, minha senhora, uma vez.

—E gosta?

—Não sei, minha senhora.

—Não sabe? Essa é melhor! Pois comeu e não sabe se gosta?

—Minha senhora, devo dizer a v. ex.ª que «arroz á valenciana» foi a primeira coisa que eu comi n'um dia ás tres horas da tarde, tendo-me levantado ás sete da manhã. Se Ugolino, antes de trincar os filhos, tivesse recebido um prato de arroz á valenciana, que juizo formaria elle ácerca d'esta iguaria? Minha senhora, uma phrase terrivel lhe dará conta da minha situação de espirito. Momentos antes de apparecer «arroz á valenciana», pelo meu cerebro perturbado passára vagamente a idéa de que uma perna de Gervasio Lobato, pouco passada, com feijão verde ou sem elle, deveria ser realmente deliciosa. E, ao accudir-me este pensamento, senti crescer-me a agua na bocca. Minha senhora, os Tupinambas teem desculpa. Já os sei comprehender.

PINHEIRO CHAGAS.

IDEAL

Aquella que eu adoro não é feita
De lyrios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas languidas, divinas
Da antiga Venus de cintura estreita...

Não é a Circe cuja mão suspeita
Compõe philtros mortaes entre ruinas,
Nem a Amazona que se agarra ás crinas
D'um corcel, e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que entre nuvens me esconde o meu destino.

E' como uma miragem que entrevejo,
Um ideal, filho da solidão,
E um sonho impalpavel do desejo...

ANTHERO DO QUENTAL.

A CANTADEIRA

(CONCLUSÃO)

—Tenho um segredo na minha vida, disse-lhe a rapariga a meia voz, encarando-o fixamente. E' um barranco, é um abysmo que nos separa. Talvez podesse ser feliz comtigo; mais feliz do que sou, ao menos: e teimo em não querer, com medo de te fazer mais desgraçado.

—Gostas d'outro, então?

Ella permaneceu calada.

—E' d'outro que tu gostas, dize?

Ella, prosseguindo:

—...Serias, pode ser que fosses, mais desgraçado por eu não ter coração que fartasse o teu. Uns ciganos, que, era eu pequena, passaram ahi pela fonte, e liam a sorte na mão das pessoas, acharam que eu tinha de mais, e nunca poderia estimar como deva de ser, coisa que o mereça. Estou que adivinharam; se eu lograsse a fortuna de que por meu respeito tu tornasses a ser como eras d'antes, e a gente do logar voltasse a estimar-te como no tempo em que eras aqui o melhor braço, a melhor enxada, e os melhores olhos,—... quer-me parecer...

—Que tenho eu que esperar, que valha a pena de... Se o coração de um homem é que lhe faz a edade, não me falta muito para velho. Guarda essa caridade de me não quereres ver perdido. O vinho faz-me dormir... Quando durmo, sonho.

—Não, não quero! redarguiu a rapariga com accentuação affectuosa e meiga. O' homem, pois a amisade de uma mulher não vale, ás vezes, mais do que muito amor?!

Foi passando o tempo sem que ninguem na aldeia lograsse obter explicação clara nem da partida subita, nem do regresso inesperado da rapariga. Encontrava-se com as outras nas estradas, na fonte, na eira, mas apenas trocava com ellas o Deus nos Salve.

Aos domingos á noite bailava-se na eira; ella nunca apparecia alli; costumava ir cedo, ainda a manhã vinha lá ao longe, á missa das almas: depois, até ao dia immediato, á hora do trabalho, ninguem mais a tornava a ver.

O prior estimou em tal apreço esta conversão, que, n'uma carta ao parocho de uma aldeia proxima, dizia-lhe fallando d'ella: -... «Está outra. Voltou arrependida; o que é o supremo bem das peccadoras. Ninguem a vê nas dansas, ás tardes dos domingos; isto agrada-me muito, porque uma das tentações da aldeia é o bailarico, com a liberdade que reina no campo e as paixões grosseiras da mocidade: ainda me hade servir para minhas admoestações, o exemplo d'esta rapariga. A egreja está sempre cheia ao domingo, ha muitas confissões, e apesar das distancias e ruindade dos caminhos não morre por aqui nenhum doente sem os sacramentos. Agora, se Deus quizer, etc...»

N'uma manhã, pela volta do meio dia, ao largar do trabalho para o jantar, encontrou o prior a rapariga:

—Vens da tua lida? Ora, porque andas tu sempre só? Pareces evitar as companheiras! Isso, não deve ser. O trabalho quer esperança que o sustente, quer alegria que o excite... Muito bom seria que te agradasses de algum dos rapazes do logar...

—Quem me ha de querer? disse ella.

N'essa occasião, ouviram um rumor de vozes, e, voltando ambos a vista para o lado de onde vinha o ruido, avistaram um homem, sem barrete, com a jaleca meia despida, desgrenhado, pallido, que sahia de uma taberna, a brigar com uns poucos, sem querer largar uma guitarra, e evitando por todos os modos que lh'a quebrassem. A rapariga, ao vel-o, rompeu n'um grito dilacerante:

—Senhor prior, accuda-lhe!

Os do ajuntamento tão depressa avistáram o padre, descobriram-se respeitosos, e resmungaram apenas:

—Está o prior a ver-nos. Mais vale deixar ir seu caminho essa vasilha!

—E ahi está quem me quer, quem me queria! disse ao prior, a rapariga, tristemente. Não me accusa n'isto a consciencia; mas, pensar eu, que elle chegou a esse estado vergonhoso pela desesperação de me não ter agradado! Apesar da vergonha que pesa hoje sobre elle, é o unico filho da aldeia a quem eu poderia querer dar-me por mulher. E' um rapaz da minha creação; teima em me querer desde pequeno.

—Póde chegar uma hora em que se te pergunte pela felicidade d'elle.

—Não teria sido maior crime ainda, se a piedade me tivesse para elle levado, affastando-me d'elle o gostar de outro?

—Com o morreres para o erro, a tua alma reviveria. Não vês, todos os annos, do que precisa o trigo para lograr vida no seio da terra e tornar-se fecundo! Morrer. A tua alma precisa libertar-se da sua propria vontade para ser instrumento docil do espirito de Deus. E' preciso que cada um tenha a sua cruz n'este mundo.

—E, a minha, que pesada é!

—Pesada a tua culpa; não a tua cruz, que a não conheces. A cruz é o que martyrisa e quebra a vontade. Se tens animo de a supportar para te salvares...?

Ella respondeu com o pranto, desviando o rosto.

—Vae e pensa, disse-lhe o prior friamente.

Quando a rapariga beijava a mão do prior, ouviram-se em distancia os sons de uma guitarra. Olharam-se ambos como que medrosos, e escutaram por instantes a toada plangente do tocador. Era aquella, a musica, que o rapaz tocava outr'ora, quando ainda pequenos ambos, ella se entretinha a vel-o aprender; e fêl-a sobresaltar de saudade aquella moda innocente e facil, que não envelhecera com os annos, poesia morta e viva.

Ainda que o caminho para a cerca devesse ser o de seguir pela azinhaga, deu volta á eira e foi para o trabalho, conservando-se até á noite nas fazendas em que andava de jorna. O seu jantar, n'esse dia, foi umas maçãs que apanhou do chão, para onde o vento as atirára da arvore.

Ao voltar para casa, tudo foi para ella applicar o ouvido, na ideia de escutar o som de uma guitarra. Iliam-lhe na alma, trazidos por um pressentimento, o receio e o susto. A cada instante lhe parecia que a sua sombra era uma pessoa, ou a sua alma que hia

UM ENTENDEDOR

a acompanhal-a, sombria e escura, por cima das flores brancas dos valados.

Quando chegou a casa parecia morta. A noite tornou-se pesada e chuvosa. Os cães tiritavam á porta, farejando impacientemente a ceia; irriçavam as orelhas com a bulha da chuva e escutavam os passos apressados do matteiro, que recolhia do trabalho com a foice ou o mangoal ao hombro.

O clarão do brazeiro, ateando-se de bocado a bocado, coloria as vigas empoeiradas que atravessavam o teto. N'uma gaiola de arame dormia um pintasilgo. Pendurada n'uma corda estava uma pouca de roupa branca a seccar. De repente, os cães soltaram uns latidos de anciedade, correram, depois voltaram calados: signal de ser conhecido quem vinha.

Dizia-se depois na aldeia, que alguem a tinha visto ir abrir a porta, tendo na mão um tronco do brazeiro para se alumiar; que recuára então, atterrada, correndo para um cruxifixo como que a pedir auxilio a Deus: e que se tinha ouvido uma voz de homem —affirmando-se que o padre moço, que estivera em tempos no lugar, viera á aldeia n'aquella noite—voz, que, entre outras coisas, dizia:

—Já me não conheces? Já te não lembras d'aquelle tempo, que não voltará, que não volta, que nem eu mesmo quereria que voltasse mais, que nem tu o queres nem Deus!? Não me crimines de aqui me veres de novo. Ha um condão em ti, conheci-o agora! Ainda cantas, como d'antes, aquella trova, que eu te ensinei? Ainda és boa, doce, sonhadora, triste; estrella de amor, que apagavas nos ceus o dia? Porque me não fallas, queres-me mal por acaso? Crava nos meus os teus olhos, para veres como a minha alma guardou memoria do passado. O caminho da minha vida atravessa-se entre nuvens de pó... Tem dó de mim! Não posso atrever-me sequer a fallar a Deus dos meus pesares. Em ti está tudo para mim; todas as ternuras, a eternidade inteira, o amor immortal, que vence de ceus em ceus! Pesava-me de mais a ausencia, para que assim podesse cortar a esperança de tornar a ver-te. Vivia na ideia de te encontrar outra vez, senão tinha morrido; e tinha medo de morrer. Se o paraiso me prendesse, queria fugir de lá para te ver. Que tens? O que é? Fiz mal em voltar? Não deviamos encontrar-nos mais n'este mundo? Devia ser a nossa unica felicidade pedir perdão a Deus? Quebrei a eternidade gloriosa que nos estaria guardada?... Que tens, dize? Queres morrer sosinha?! Deixei tudo para correr aqui, logo que tive noticia de teres voltado. Ver-nos-hemos raras vezes; mas, ver-nos-hemos. Virei visitar o parocho: quem póde estranhar isso! Vou hoje mesmo lá, e demorar-me-hei na aldeia... Escusas de me aconselhar, de me pedir; a minha tenção está feita; não digas nada; não te oiço, não quero ouvir-te n'esta hora. Adeus, mas, até ámanhã: ámanhã, de noite, virei aqui; o meu amor, que em cada dia mais faz de ti um idolo, será maior ainda ámanhã!..

E, quando se contava isso na aldeia, acrescentava-se, que, depois d'estas palavras, e ao abrir-se de novo a porta, se vira a rapariga, extatica, e balbuciando como que vagamente:

—A'manhã... A'manhã é sempre!

E' certo, porém, que, de madrugada, foi ella propria procurar o rapaz da guitarra e lhe disse:

—Sempre é verdade que me queiras ao ponto de te matares, bebendo, para te esquecêres de mim?

Elle sorriu-se.

—E se, proseguiu ella, olhando-o fixamente, eu te proprozesse ser tua; deixariamos para sempre a aldeia, agora mesmo, sem nos despedirmos de ninguem, sem olharmos para traz, sem nos lembrarmos mais d'este logar, e assim mesmo me quererias?

—E louvaria Deus! respondeu elle.

—Louva-o então, sou tua.

Desde essa hora, nunca mais se soube d'elles por muito tempo na aldeia.

Foram peregrinando pelas estradas, ganhando lentamente o pão de cada dia.

Ao passar pela feira de Alcobaça, no anno passado, vi no largo, no centro de um grupo de espectadores, um rapaz que tocava guitarra, e uma rapariga que cantava... Conheci-a logo. Era a cantadeira, como d'antes lhe chamavam no lugar. Quando eu cheguei, corria ella, com o seu chapeu na mão, a roda dos que tinham estado a ouvil-os.

—Canta outra vez! disse-lhe eu.

Parece que o povo os estimava a ambos, porque quasi todos lhe davam esmolas; a ella, principalmente, a cantadeira, a cantadeira...

JULIO CESAR MACHADO.

A MINHA MÃE

(DA VELHICE DE JEHOVAH)

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam voando sempre em torno dos seus lares
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebreu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao ceu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, allumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia;
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas..
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão, em noite sem lua e n'um barco sem velas,
Errantes, atravez do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto,
E para todo o crime o seu perdão de Pae!...

....

....

A minha mãe faltou-me era eu pequenino.
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma força um ramo de oliveira!

GUERRA JUNQUEIRO.

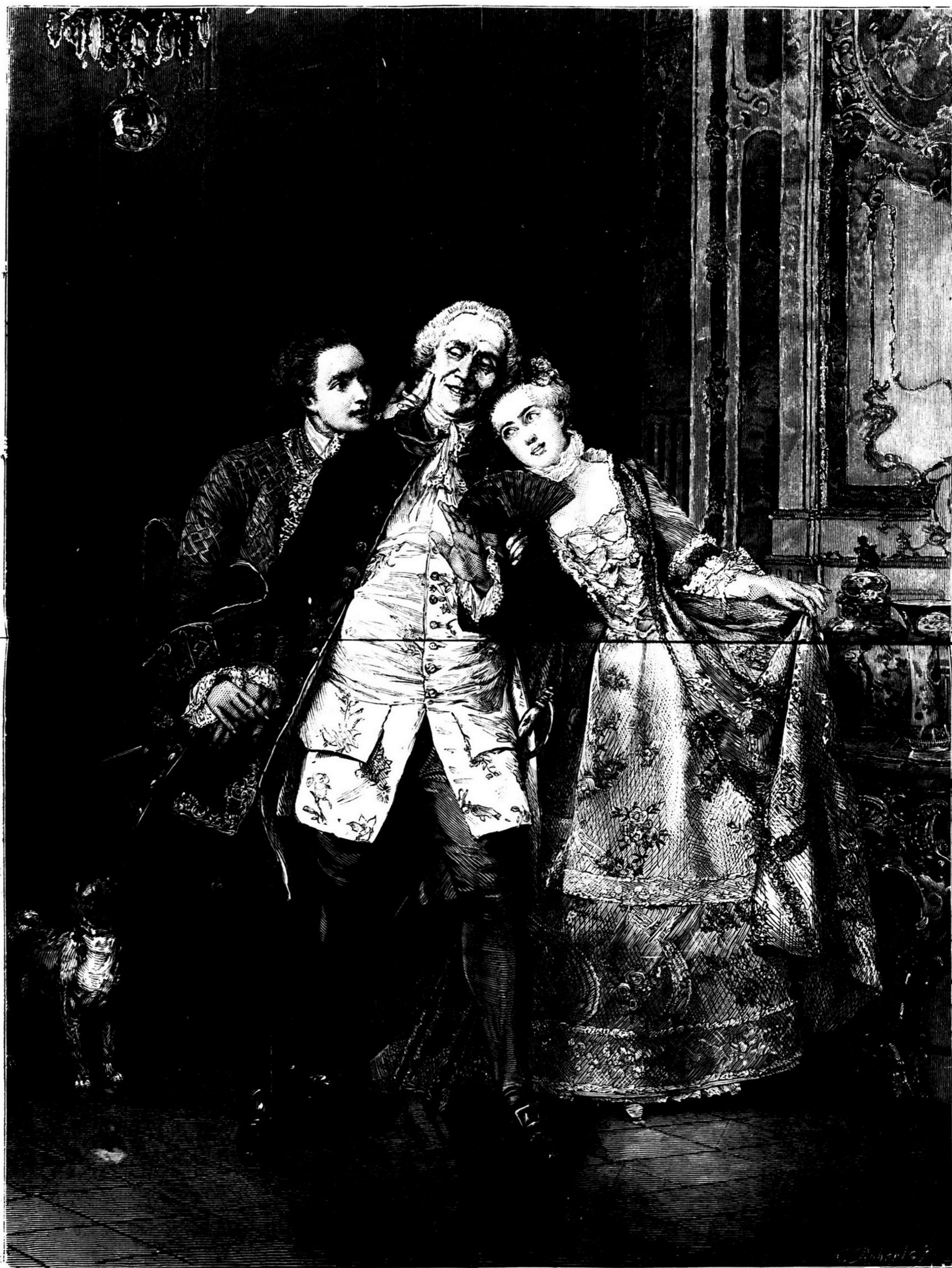
A VIDA DO CAMPO

NÃO ha nada como o campo, meu caro, dizia-me aqui ha tempos um amigo meu, fazendo as suas malas, radiante de alegria por dizer adeus para sempre á nossa pobre e calumniada Lisboa. Agora, menino, se me quizeres vêr, vae até lá, senão, despede-te de mim até ao dia de juizo.

—O que? Não tencionas voltar mais a Lisboa?

—Eu? para que? Vou farto d'isto até aos olhos, dos homens, da terra e de tudo. Isto não presta para nada, absolutamente para nada... Oh! o campo! o campo, se tu soubesses o que é a vida do campo, vinhas já d'ahi. Olha, queres uma coisa? Vae n'um pulo ao Casimiro da Cunha, dá-lhe as chaves da tua casa, dize-lhe que faça leilão de tudo, de tudo, desde a tua cama á franceza até ao fogão da cosinha, desde os teus diccionarios portuguezes até á tua casaca preta, e vem commigo para o paraizo.

—Não póde ser, a gente nem sempre tem posses e disposição para ir para o paraizo, e, precisamente, eu hoje não tenho nem uma coisa nem outra.

- E' que não sabes o que é a vida do campo. Ah! se soubesses não querias outra vida, faço-te essa justiça! não ha nada como aquillo:—o ar puro, embalsamado pelas fragrancias saudaveis dos pinheiraes; aquelles costumes simples, sadios, honestos: o levantar com o sol e o deitar com as gallinhas! passar o dia todo no contacto permanente da natureza san e forte, longe d'estas viellas de Lisboa onde o veneno passeia no ar, e a pneumonia nos espreita á esquina das ruas! Tão depressa os rouxinoes cantam, levanta-se a gente e vae beber um taro de leite, de leite puro, leite a valer, sem farinha nem cal, mugido ali, defronte de nós, nas gordas vaccas brancas e tranquillas que nos olham com os seus grandes olhos suaves e bons: depois ir para o campo, trabalhar na lavoura, na vinha, no olival, arremessar aqui, á terra fecunda que nos abre o seu seio humido e uberrimo, a semente que ámanhã encherá de trigo os nossos amplos celleiros: ir levantar ali uma vide que pende para o chão ao peso dos enormes cachos de uvas que lourejam entre as parras verdes e recortadas, ir acolá cortar um tronco velho de arvore que está roubando inutilmente, como um parasita, a seiva aos troncos fortes e validos. Ao meio dia, quando os honrados trabalhadores largam a charrua e a enxada, ir com elles para debaixo de alguma arvore frondosa, e ali, áquella sombra generosa e refrigerante, comer uma olha, uma sardinha com pão, uma costeleta de carneiro, uma refeição furgal e sadia que dá tom ao nosso estomago estragado pelos acepipes doentios da cosinha franceza, despejar uma infusa de vinho puro, arrancado pelas nossas mãos laboriosas aos bagos que nasceram e cresceram á nossa vista, e por fim beber agua, agua limpida, agua fresca, agua transparente, que não passou pelos canos negros da companhia do Pinto Coelho, ali, com a bocca no regato crystalino, que murmura de mansinho, aos nossos pés, e depois, em vez de esperar, sentado n'uma poltrona de S. Carlos, que a apoplexia venha epilogar a digestão mal feita, ir esmoer o nosso repasto, apascentando as mansas ovelhas candidas pelas campinas verdejantes, até que o sol, recolhendo-se ao seio das ondas, nos indique que são horas de nos recolhermos todos ao aprisco. Então, joga-se um boccado, um jogo innocente, pacato, com dois ou tres visinhos, conversa-se ahi coisa de meia hora e vae a gente para a sua cama, dormir

UM GUARDA CONDESCENDENTE

tranquillamente, patriarchalmente, sem o espirito perturbado pelas mil preoccupações futeis e banaes que nos acabrunham e nos envelhecem fóra de tempo, n'este inferno da capital! Aqui tens o que vae ser a minha vida, uma vida paradisiaca, ideal, a vida feliz, obscura, ignorada, não dando que fallar de mim a ninguem, senão d'aqui a muitos annos, quando as folhas noticiarem, cheias de espanto, aos seus leitores rachiticos e enfezados, que se enterrou na aldeia de tal, no uso pleno das suas faculdades, robusto, vigoroso, forte como um rapaz, um macrobio de 120 annos de edade. Esse macrobio hei de ser eu.

E fez uma pequena pausa. Eu ia aproveital-a para fazer uma observação. Não me deu tempo.

—E depois os homens, continuou elle logo, os homens do campo, os aldeões, que gente! Aquillo é que são homens! naturezas primitivas, simples, boas, livres do contagio pestilento de todos esses vicios ignobeis d'essa coisa monstruosa que se chama civilisação. Homens puros, honrados, honestos, symbolos de todas as boas qualidades que fizeram, em tempo, do homem o rei da creação; n'aquellas almas não ha invejas, não ha odios, não ha egoismo, não ha vaidades, não ha ingratidões! Leaes, francos, dedicados, sinceros, bons, reconhecidos, esses homens fazem amar a humanidade, essa humanidade que a gente aprende a aborrecer no Chiado, no gremio, e em S. Bento!

E n'isto acabava de fechar a sua ultima mala; deu-me um abraço valente, um abraço já de camponio, pegou nas malas, e foi-se, a pé, até a estação de S. Apolonia, com todo o desembaraço d'um robusto provinciano.

* * *

Passados dois mezes, um dia, ao atravessar a rua do Ouro, vejo dirigir-se para mim de braços abertos, com um sorriso amarello, um sujeito mais amarello ainda do que o sorriso.

Custou-me a reconhecel-o. Era o meu amigo que tinha ido ser macrobio para o campo.

—Então o que é isso? Tu aqui... perguntei-lhe eu muito admirado.

—E' verdade, homem.

—E magro como um cão, e amarello como uma cidra, e a coxear... que demonio tens tu?

—Contos largos, contos largos...

—E quando voltas para o campo?

—Eu nunca mais! Deus me livre.

—Então, o campo, a vida do campo ..

—Deixa-me, não me falles no campo...

—Hein? exclamei, eu abrindo muito os olhos...

—Ia dando cabo de mim a tal vida do campo... Apenas lá cheguei, logo ao segundo dia apanhei uma marrada d'uma vacca.

—D'uma vacca?

—Sim, quando lhe estavam a mugir o tal leite puro, que me deslocou um braço. Melhor do braço, começo a andar pelas vinhas, pela lavoura, sou de repente assaltado por umas sesões que me pozeram na espinha. Demais a mais, o medico do sitio é uma besta, andou para traz e para diante sem acertar com a doença, e se não fosse um outro medico que ali esteve de passagem, ainda hoje estava com as malditas sesões.

—Mas tu estás ainda acabado, adoentado...

—Ah! isso foi outra cousa...

— O que? além das sesões e da marrada, ainda tiveste mais alguma cousa?

—Tive, homem; deixa-me que nem de proposito. Um dia, ao beber agua n'um regato...

—Ah! sim, a agua crystallina, sadia...

—Exactamente, enguli não sei que bixo, que me ia dando cabo das tripas: dias depois, ao assistir ao córte d'uma oliveira, cae-me um tronco em cima d'esta perna, e faz-me uma ferida que ainda tenho aberta.

—Oh! com o demonio! Lisboa vingou-se...

—Olá se se vingou... E depois, aquillo de camponios é tudo uma cambada...

—O que? Os homens do campo tambem te desilludiram, aquelles homens leaes, francos, bons, gratos?...

—São frescos os taes homens... Olha, o boticario jogava todas as noites commigo a bisca até ás 9 horas. Eu andava já arreliado; era certo por noite perder cinco a seis tostões, e cheguei mesmo uma vez a perder um quartinho...

—Era o azar!

—Qual azar, era o boticario que fazia batota... Deixei-me de jogar, e passei a conversar ás noites. Naturalmente fallou-se em politica... eu disse francamente o que penso, como costumo dizer cá em Lisboa. Pois no dia immediato, quando sahi á rua, ia sendo corrido á pedra... uns diziam que eu era reaccionario e queriam-me dar cabo da pelle, em nome da liberdade do pensamento; outros diziam que eu era pedreiro livre e queriam dar-me cabo da pelle em nome da religião...

—Homem, tu devias escrever os teus dois mezes de vida do campo.

—E davam-me volumes, e até tinha anedoctas para fechar as memorias, á moderna... a gratidão aldeã.

—O que? Pois nem sequer a gratidão encontraste n'esses bons camponios tão simples, tão...

—Encontrei, vaes ver. Lá na minha fazenda ha uma lagôa que é bastante funda, e perigosa n'um sitio onde ha uma repreza. Uma tarde, passando perto d'aquelle sitio, ouvi uns gritos afflictivos: corro á lagôa; os gritos eram soltados pelo meu abegão, que, cahindo não sei como na lagôa, estava quasi a afogar-se ao pé da repreza. O homem estava muito afflicto, coitado. Não havia ali mais ninguem. Eu estava ainda em convalescença das sesões, mas não havia que hesitar: atirei-me á agua, nadei para o sitio onde o homem estava, deitei-lhe a mão ás calças, puchei-o para fóra d'agua e tão violentamente, que lhe rasguei as calças, mas salvei-lhe a vida. O homem sahiu da lagôa são como um pêro; eu é que apanhei uma recahida que me poz ás portas da morte. O abegão ficou-me muito grato, e todos os dias vinha duas e tres vezes saber como estava o seu salvador. No fim do mez, eu é que fazia sempre os pagamentos, chamei-o para lhe dar a sua mensalidade. Elle recebeu o dinheiro, contou-o e poz-se a olhar para mim, com um sorriso aparvalhado...

—O que é? é alguma coisa?

—E' que este dinheiro não está certo.

—Não está certo?

—Não senhor, faltam dez tostões.

—Dez tostões?

—Sim senhor, dez tostões, que era quanto me tinham custado aquellas calças que o sr. me rasgou quando me salvou na lagôa.

GERVASIO LOBATO.

UMA CONQUISTA FRUSTRADA

COMO chegava a ser encantador o enterro do Luizinho Nem parecia um enterro!

A' frente, o padrinho dirigia o cortejo; em seguida, levado por duas bellas raparigas do campo com os seus vestidos domingueiros, o caixão muito pequeno, d'um escarlate vivo—como uma enorme caixa de brinquedos, Colombines e Polichinellos—abrigava-se n'uma capa de flores muito frescas, que deixavam na passagem um aroma suavissimo de rosas e lilazes, e iam marcando com as folhas que se escapavam—como um rastro de Primavera—o caminho de casa ao cemiterio da aldeia. Atraz, duas filas de creanças rosadas, com os fatinhos novos e garridos, os cabellos soltos, muito appetitosas muito adoraveis.—Uma exhuberancia de frescura e innocencia!

E tinha realmente um certo encanto aquelle enterro!

Fôra um capricho da mãe; quizera que todos os companheiros de seu filho, os que iam á tarde formar com elle esses batalhões immoveis de soldados de chumbo, que arranjavam touradas engraçadissimas, em que o touro cahia por vezes agarrado ao toureiro n'uma fraternidade espantosa, ou em que, por effeito de trambulhão mais forte, o cavalleiro puxava do corcel—uma fogosa canna!—e dava com elle nas costas do boi, que ia chorar as suas maguas para o curro; quizera que todos aquelles bravos generaes e destros bandarilheiros, grupo delicioso de bons rapazes, dos quaes o mais velho teria sete annos, fosse acompanhar ao cemiterio o seu bom Luizinho, aquella cabecinha tão loura e tão roliça, de olhar intelligente e inquieto, que encerra na sua bocca adoravel, feita de morangos e rosas, um thesouro de beijos que a mãe não conseguira esgotar em cinco annos e que um garrotilho lhe roubara em tres dias tão brutalmente!

O cortejo ia silencioso; os pequenos olhavam-se n'uma interrogação muda; não sabiam porque motivo, em tão poucos dias, o Luizinho deixara de vir á rua brincar, o tinham mettido na cama, lhe deram tantos xaropes, e por ultimo o vestiram com o seu fatinho de *piqué* branco com laçadas azues e rendas—o fatinho que o avô lhe trouxera de Lisboa pelas Amendoas—o metteram a dormir n'aquella caixa escarlate toda coberta de flores, e o levavam muito direito para onde estavam o pae do Fernando e a mãe do Alberto.

Marchavam calados, com uns passinhos miudos, como um bando de pardalitos, inconscientes, á espera do fim; nas curvas da estrada, os que iam mais atraz apressavam o passo para não perderem de vista o padrinho, e chegavam-se uns para os outros.

Entre elles lá ia o Alberto, o que perdera a mãe no ultimo inverno. Era o mais triste de todos; muito pallido, com a vista espantada fixa no caixão, a scismar que não tornaria a ver o seu Luizinho, o seu bom amigo que lhe guardava sempre bolos, repartia com elle a merenda que não tinha em casa desde a morte da mãe. Via-o entre umas sombras vagas, que lh'o desenhavam na imaginação, e lembrava-se das tardes quentes em que os dois iam roubar amoras o voltavam com a cara muito suja, a bocca e as mãos negras, negando que lá tivessem ido e fazendo jus a uns açoites. Tinha immensa pena d'elle; ainda não havia oito dias que o Luizinho o livrara d'uma valente sova, que o Fernando lhe quisera dar por causa d'um chicote. N'unca mais o veria; d'ahi em diante teria a menos a merenda e a mais as sovas do Fernando; mas, sobretudo, o que mais o torturava era a ideia de não tornar a brincar com elle. Tudo lhe desapparecia, coitado! Ha

EM FRENTE D'UM BUST

pouco fôra-se a mãe, agora era o Luizinho que o deixava! Sentia uma enorme vontade de chorar, mas envergonhava-se e continha as lagrimas, comprimia-as, convertendo-as n'um sorriso forçado, pallido, que se lhe escapava dos labios n'uma contracção de dôr.

O Fernando tambem lá ia, pensativo, muito pensativo mesmo, com os seus grandes olhos azues, as suas bochechas muito duras, as mãos nas algibeiras, o andar batido.Todo elle estava immerso na pergunta que a si mesmo dirigia—de quem ficaria com os bonecos do Luiz, e com o carro grande de bois amarellos, que era a inveja de todos os rapazotes da aldeia, um carro que custara um cruzado! uns bois que, se dizia, tinham passado de doze vintens! Quem ficaria com elles, com o chicote, com a espingarda de fechos brancos que brilhavam tanto ao sol,com o palhaço, com a *arca de Noé*, com tudo mais!

E scismava como poderia alcançar tudo aquillo! Não tinha empenhos; todos lhe chegavam, elle era mau, escangalhava tudo o que lhe vinha ás mãos, atirava pedras aos trabalhadores e quebrava a cara aos amigos. Era um jacobino, como lhe chamava a velha das arrufadas, um verdadeiro jacobino!

Quando o enterro chegou ao cemiterio, era quasi ao cahir da tarde, á hora em que as andorinhas vão em bandos por esse espaço, fóra á procura dos seus ninhos, em que quasi se sente cahir sobre a terra meia adormecida um silencio ao mesmo tempo triste e doce.

Havia uma serenidade religiosa, alguma cousa de sagrado e mystico, um tom de recepção de anjos! A cova já estava preparada; o coveiro affastou animalmente as flores que cobriam o caixão, abriu-o, e despejou sobre a carinha do pequeno, coberta com um lenço de rendas, meio cesto de cal. Depois fechou-o e atirou-o lá para baixo, como uma inutilidade, uma cousa que cá em cima apodrecia, cheirava mal e que era necessario tapar com muita terra, que elle ia lançando ás pás seguidas.

O Alberto lá estava á beira da sepultura, a seguir os movimentos da pá lançando terra e mais terra e separando-o cada vez mais tambem do amigo; e com umas lagrimasitas a brincarem-lhe nos olhos, elle levantava machinalmente a vista para o ceu.

No seu pequeno coração nascia uma grande tristeza; sentia-se muito só, faltava-lhe alguma cousa d'elle proprio, que não sabia bem explicar. Tinha vontade de ir pedir ao coveiro que tirasse a cal da cara do Luizinho:—elle podia accordar por acaso, e que afflição lhe faria! Tinham-lhe dito que fôra para o Pae do ceu; mas seria o Pae do ceu muito amigo d'elle? Comprar-lhe-ia um carro grande com bois amarellos e um chicote como elle cá tinha? Haveria amoras lá em cima?

A scismar como seria esse sitio desconhecido para onde partira o Luizinho, foi despertado pelo Fernando, que lhe deu um forte empurrão, dizendo-lhe bruscamente:—Raspa d'ahi! E seguiu-o quasi inconsciente, atraz dos companheiros.

Na volta, os pequenos tinham perdido o tom contrafeito e triste; vinham a atirar pedras, a correr pela estrada fóra, não se lembrando do amigo e combinando já uma tourada real para a tarde seguinte. Só o Alberto e o Fernando se conservavam pensativos. O Alberto, olhando de vez em quando para traz, a ver se avistava o cemiterio, achava-se só, muito só; aquelles pequenos não eram para elle cousa alguma; a sua vida resumira-a na companhia e amizade do Luizinho, que elle nunca mais veria!

O Fernando, esse ia todo concentrado na conquista dos bonecos, do carro grande e da espingarda. Quem apanharia os bois? Se fossem para o Alberto haviam de lhe sahir bem caros; partia-lhe a cara, dava cabo d'elle!

No largo da aldeia fizeram-se as despedidas e recombinou-se a tourada; depois dirigiu-se cada um para sua casa, menos o Fernando e o Alberto, que foram para casa da mãe do Luizinho.

Era quasi noite. As visinhas procuravam consolar a pobre mãe, que soltava blasphemias no meio da sua grande dôr. Perdera tudo... o seu futuro, a sua ambição, tudo... Agora já não precisava de mais nada; era para elle que reservava as suas economias, para o livrar de soldado quando fosse homem; e se o negocio désse, as colheitas fossem boas, talvez o mandasse a Coimbra. Veria o seu filho doutor! E chorava como louca, desesperada, amaldiçoando tudo, descrendo de Deus e dos medicos!

Quando os dois pequenos entraram, a casa estava muito escura, não se via quasi nada. O Alberto foi sentar-se no chão, em cima da saia da mãe do Luizinho, a olhar para ella, com os olhos muito espantados, atordoado, em busca de um conchego. Não se lhe tirava da imaginação a idéa de que o seu amigo poderia accordar e suffocar-se com a cal que tinha sobre a cara.

O Fernando passeava de um lado para outro, sem tirar a vista de cima dos bonecos que se amontoavam a um canto da casa e què uma nesga de luar illuminava frouxamente. Lá estavam todos, ainda lhe não tinham mexido.

Era ja noite fechada; haviam accendido os candieiros na rua. Se elle podesse levar o carro dos bois! Ninguem daria depois pela falta! Mas era muito grande, e elle não poderia tiral-o sem que o vissem. E os seus olhos não se despegavam de cima dos bonecos. Não, não iria para casa sem levar algum d'elles! E n'um impeto de cubiça chegou-se a um cesto grande—um deposito de quinquilherias—arrancou um boneco ao acaso e esgueirou-se surrateiramente para a rua.

Quando se achou ao ar livre, deitou a correr com toda a força, com os braços cruzados sobre o boneco muito apertado ao peito, foi parar defronte de um candieiro e poz-se a vêr o que era. A luz deu-lhe em cheio—roubara um general! Um bello general de serradura e casimira, com bigodes de algodão em rama e botas encarnadas, que assistia, montado n'um alazão de madeira, a todas as manobras do exercito de chumbo.

Mas ainda não tinha formulado bem a idéa de posse no seu pequeno cerebro, quando ouviu o Alberto, que o vira praticar o furto e o seguira desesperado, a dizer-lhe:

—Larga o boneco, que é do Luizinho!

—Tira-te lá, e toma cuidado com o focinho—respondeu o Fernando, ameaçador, escarlate, muito admirado d'aquelle atrevimento.

—Larga o boneco, ou tiro-t'o, repetiu o Alberto, que pela primeira vez perdera o medo ao companheiro e estava resolvido a alcançar, a todo o custo, o general do Luizinho.

Os dois avançaram e engalfinharam-se. O Fernando, sempre vencedor, teve d'esta vez medo do Alberto, que parecia um tigre pequeno, electrico, furioso como nunca ninguem o vira. De repente, o Fernando deu um grito enorme: a sua valentia desappareceu de todo, e fugiu sem o general, batido, envergonhado, a berrar pelo largo fóra. O Alberto dera-lhe uma enorme dentada n'um braço.

E muito encarnado, com a cara toda arranhada e com o general muito apertado ao peito—o general de que o Luizinho gostava tanto, que nunca lh'o emprestara apesar da sua grande amisade—o Alberto, olhando então machinalmente lá para cima, onde as estrellas esmaltavam o azul, pensou:

—Hei de dal-o ámanhã ao sr. vigario, para lh'o mandar para o ceu!

EDUARDO SCHWALBACH.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CASAMENTO BRETÃO

Todos os que amam a litteratura franceza terão lido um poema intitulado *Les bretons*, de Augusto Brizeux, onde se descrevem, em versos admiraveis de elegancia e de simplicidade, os costumes da Bretanha franceza. N'elle se desenham com tal luz aquelles povos, cheios de tradições druidicas e celticas, que o leitor se transporta em espirito para entre aquelles lavradores e aquelles homens do mar.

A gravura que hoje damos, é copia de um quadro celebre de Julio Noel, e representa dois noivos bretões, sahindo do templo onde o padre os casou, e sendo saudados pelas raparigas do logar, que vêem fugir-lhes aquella donzella, companheira dos seus brincos infantis.

Os mendigos lá veem receber a costumada esmola tradicional. Vestem, elle e ella, o elegante traje popular do seu paiz, e atravessam radiantes por sob a sombra das arvores plantadas pelos avós, no rocio da egreja.

A vida rustica d'esta gente é toda enfeitada de mil costumeiras poeticas, que radicam o amor da familia, o respeito das instituições, o apego á terra onde abriram os olhos, para contemplarem, d'um lado as montanhas fecundadas pelo trabalho, do outro o mar. O bretão cresce, faz-se homem, e bebe com o leite e com a educação aquella austeridade de costumes, cheios de vestigios celticos. A sua lingua, para em tudo se distinguir do resto da França, é um remanescente do celta, que se deixou ficar n'aquella região socegada e antiga, onde a acção do tempo tão pouco transformava os seus ingenuos e sinceros habitadores.

O bretão é um homem que merece ser estudado, como um typo de austeridade e trabalho. A Bretanha deve ser vista pelo viajante, pois é um paiz rico de lendas e de tradições que dão infinito para a lyra do poeta, e para o livro do observador.

UM ENTENDEDOR

O pintor da nossa gravura foi encarregado de fazer certo quadro, representando um general qualquer, de botas até ao joelho.

As feições do retratado reproduzira-as o artista a primor, com uma correcção irreprehensivel. A farda e a *pose*, idem. Estava esplendido o quadro.

Mas...—havia um *mas* no trabalho do nosso homem—as botas destoavam de tudo o mais; tinham um defeito qualquer, com que elle não atinava; uma pequenina coisa, que elle não sabia bem o que era, mas que constituia um aleijão.

N'estas alturas, o artista chamou o sapateiro do sitio, pediu-lhe conselho, e trouxe-o comsigo ao *atelier*, para que visse as botas.

E o homemsinho, conscio da sua sciencia em materia de calçado, não disse que não: veiu, assentou-se em frente da tela, e começou a observar a pintura, d'alto a baixo, como entendido no assumpto.

Provavelmente, ha de notar o defeito das botas; e o pintor, que se dá ares de superioridade, sorrindo desdenhoso do *mestre*, seu collega, artista como elle, tratará d'emendar o aleijão, seguindo á risca os conselhos do sapateiro.

E d'ahi, não vemos que isto deslustre os seus creditos. Não consultava Moliére a cosinheira?

UM GUARDA CONDESCENDENTE

E' um bloqueio em fórma, em que se empregam todas as armas, excepto as mortiferas. Festas, beijos, blandicias, carinhos, promessas, lisonjas, mentiras até, tudo, menos espingarda, lança, espada ou peça d'artilheria. Mas o que é que elles querem? Uma coisa muito simples. Estar juntos para conversarem. Ficar um ao pé do outro para dizerem coisas muito interessantes. O perceptor tambem não tem nenhum coração de ferro, e está quasi a render-se. O que elle não quer é faltar aos seus deveres. Se fosse mais um bocadinho só, ainda vá; mas o que elle não póde é consentir na mesma brincadeira todo o dia. Elles já lhe prometteram dez vezes que era só por um instantinho, e outras tantas instaram para continuar. Elle diz que é muito tarde, os namorados bradam que é muito cedo. Afinal tudo se hade arranjar, porque é tudo boa gente e amigos uns dos outros.

EM FRENTE D'UM BUSTO

Pintor que todos entenderão e de que todos gostarão.

O artista não deixou correr o seu pincel a bel-prazer da phantasia. Não compoz um quadro d'imaginação, uma paizagem cortada pelas aguas scintillantes de uma corrente, sombreada por uma basta floresta vagamente illuminada pelos tons melancholicos do crepusculo da tarde; não vio, do seu *atelier*, com os olhos d'alma, os outeiros verdejantes, povoados aqui e ali pelos rebanhos que se apascentam á roda d'um penhasco. Nada d'isso. Reproduzio com estudada leveza o que vio no interior d'uma casa nobre, na sumptuosa galeria d'um fidalgo amador: um criado que pára admirado em frente d'um busto em que o cinzel do esculptor soube perpetuar, no olhar e no sorriso, uma profunda expressão de vida, um fino traço de malicia espirituosa. E' uma scena de todos os dias, que só os artistas se dão o incommodo d'observar, que parece uma insignificancia do viver domestico, mas que serve, todavia, para testemunhar até que ponto o espirito do artista assimila os mais subtis promenores e os mais fugitivos accidentes, sem os sobrecarregar de verdade na copia.

No quadro que temos á vista ha duas grandes qualidades, pelo menos: a ausencia d'excesso de realismo, e a prezença d'expresão. O busto que o creado contempla, sorri, falla, vive; na physionomia e na attitude do observador, ha uma notavel naturalidade, uma clara expressão d'assombro por uma obra de arte cujos processos elle não comprehende.

A verdade está patente, manifesta; e, todavia, o pintor não se deixou escravisar pela influencia absoluta da imitação: ha o que quer que seja d'artistica combinação nos elementos componentes d'este quadro, que, não obstante, todas as pessoas entenderão á primeira vista, porque de todos é mais ou menos conhecido o assumpto.

O JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Fica sobranceiro á magnifica entrada da bahia da cidade esse grande jardim onde ha os mais bellos exemplares da flora do Brazil, tão rica em toda a sua vegetação luxuriante.

Distante do centro da capital do Imperio perto de 15 kilometros, é, todavia, um dos mais amenos passeios, pela celebridade do transporte nos carros americanos; e todos os domingos é muito frequentado por todas as pessoas, que desejam admirar o espectaculo mais bello de uma natureza vigorosa em panorama esplendido.

Do jardim botanico descobre-se a vasta orladura de montanhas, serranias, e florestas impenetraveis que cercam a enorme bahia do Guanabara.

Entra-se para o jardim ao longo de uma comprida alameda de coqueiros formosissimos, que formam dois renques symetricos, tendo de cada lado aproximadamente mais de mil.

Aos lados estende-se, n'uma área de tres a quatro kilometros, a vasta explanada do jardim scientifico.

Toda a iriada flora do Brazil está ali representada.

E' um dos mais completos nas differentes especies, ou familias, e constitue um dos mais delicados estudos da sciencia para os alumnos da escola central do Rio de Janeiro.

E', egualmente, ponto de reunião para os festejos das sociedades recreativas, da capital, onde abunda o dinheiro e a febre dos prazeres.

Poucos domingos se passam, no verão, que não se deem ali jantares luxuosos, com centenares de convivas de ambos os sexos.

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE CONSERVAR OS OVOS DE GALLINHA

Molhando a ponta do dedo pollegar em oleo de linhaça fervido, unta-se com elle a superficie do ovo, fazendo-o dar duas ou tres voltas entre os dedos, de modo que os poros fiquem perfeitamente tapados. Por este meio, os ovos, não deixando penetrar o ar no interior, podem conservar-se dois ou mais annos, sempre com o mesmo sabor e propriedades alimenticias. Tem mais de conveniente este processo a sua extraordinaria economia.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Varão é, e alegre, ainda que pardo cinzento—2—1
Instrumento, adverbio e animal—1—1
Com meio bode tens meio bode—2—2
Talvez moeda, amphibio ou ave—2—1
O elogio diz que a interjeição é que faz o elogio—4—1
Rispido é, e com delirio, tem loucura incuravel—2—3

Ha uma carranca na casta d'esta grande senhora—2—2
Uma preposição, um adjectivo e um papajantares—2—2
Guarda o osculo na arma de fogo—2—1
O summo pontifice diz que o passaro é flor!—2—2.

Coimbra. ABRUNHOSA.

EM VERSO

(*Por syllabas*)

A prima, meu caro amigo,
Em quasi tudo verá.
A segunda, por si só,
Appellido ficará.

Juntando prima e segunda
Um animal achará.
A terceira e quarta unidas,
Só d'agua se formará.

Passando agora ao conceito,
Só isto lhe vou dizer:
E' embarcação armada,
Que bem deve conhecer.

Braga. J. DIAS VELLOSO.

EM QUADRO

— — — Esta mulher
— — — corre
— — — e cheira.

Porto. TRINDADE.

— — — N'esta cidade
— — — ha um homem
— — — muito gentil e formoso.

Braga. D. V.

LOGOGRIPHO

Isto aqui é união.—1, 2, 5, 9
Aqui tens outra união.—9, 7, 4, 1, 3, 6, 7, 4.
Se um—s—lhe pões no fim,
Logo te diz união.—6, 7, 8, 9.

Conceito

Honi soit qui mal y pense!

PROBLEMA

Escrevendo a serie natural dos numeros, sem os separar, dizer qual é o algarismo que é precedido de 62346 algarismos.

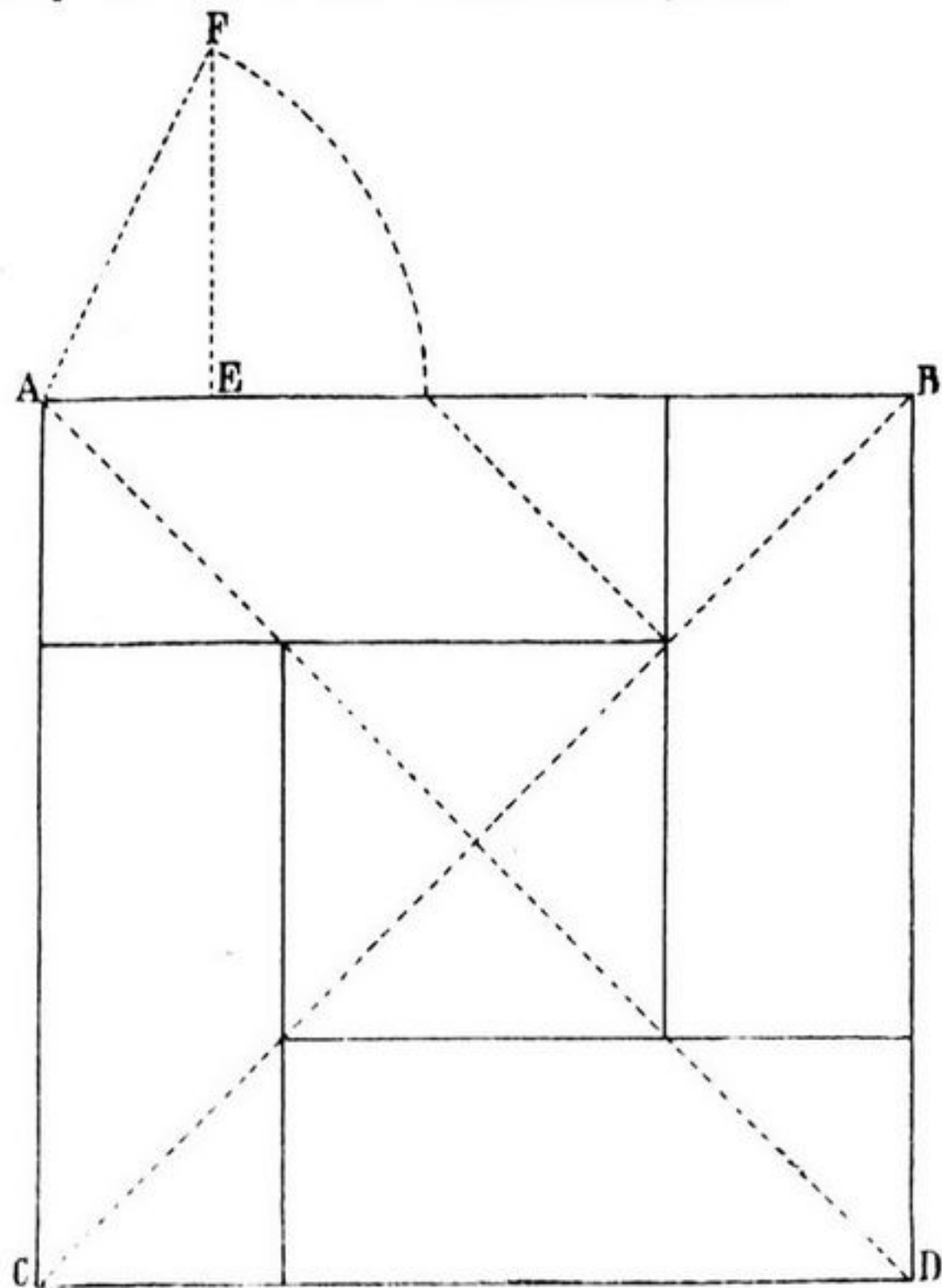
DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Manaos—Morcego—Tubarão—Alamiré—Bispar—Claraboia—Conjuge—(A-gui-a—Gui-tar-ra—A-ra-be)—(Folar—Rimou—Armas—Nozes—Chili—Arara)—(E-pico—D-obra—

E-dito — L-egua — T-eiró — R-apto — U-baia — D-rama — E-leme — S-alva).

Do LOGOGRIPHO:—Morte.

Do ENIGMA:—Nunca puz pé em ramo verde.

Do problema offerecido ao sr. Moraes d'Almeida:

$AE = \frac{1}{5} AB$

$EF = \frac{2}{5} AB$

Do PROBLEMA DO N.º 52:—André 28 e Simão 21 annos.

A RIR

O doutor X..., um dos medicos mais notaveis e espirituosos de Lisboa, anda ha dias *spleenatico*, dizendo a toda a gente que tem um medo invencivel do cholera.

Hontem, no Gremio, conversando com varios amigos, o doutor teve esta phrase:

—Tudo me aborrece... fui atacado d'uma semsaboria profunda! Vejam vocês: até já não me diverte amputar uma perna e fazer uma autopsia!

*

Um amigo do visconde de Calinaux, depois de jantar em casa d'este, diz-lhe confidencialmente:

—Parece-me que tua mulher tem uma certa antipathia pelo filho mais novo!

O visconde, n'um tom ainda mais confidencial:

—O que queres tu? Imagina que não é meu!...

CARTAS AFRICANAS

(A' SR.ª CONDESSA DE...)

VISITA AO LAGO INHASSIME

. . . .

. . . .

QUANDO chegámos ao caes repercutiam-se os primeiros rumores da trovoada. Soprava rijo o vento sul, e as vagas encapellavam-se, alastrando franjas d'espuma e bramindo surdamente. A negrura do horisonte era cortada a espaços pelo fulgor dos relampagos.

A baleira, atracada á ponte, dansava sobre o dorso das ondas, e os marinheiros protestavam contra a temeridade de arrostar com semelhante tempo.

«Não podemos deitar duas milhas» dizia o patrão-mór. Vamos contra o vento, contra a maré, contra a corrente dos canaes... contra tudo!

Obstinámo-nos em partir—queriamos a todo o custo chegar ao lago Inhassime.

A'vante! e Deus seja comnosco!

Os moradores da villa, em grande numero, espreitavam-nos, assestando os oculos, e exclamavam á porfia:

—Estão doidos! Decididamente endoideceram! E levarem a senhora! Ainda se fossem só elles! Mas levarem a senhora, com um tempo d'estes! Estão doidos, não ha que ver!

Um esforço vigoroso dos remadores levou-nos para longe, e em poucos minutos a cerração da chuva nos occultou aos olhos curiosos e pasmados que nos seguiam.

Conseguimos vencer grande distancia na direcção da embocadura do rio Mutamba; mas a trovoada estava eminente sobre as nossas cabeças; cahia sobre nós chuva torrencial e alagava-nos tambem a agua do mar; o vento, cada vez mais impetuoso, paralysava inteiramente o trabalho esforçado dos marinheiros; finalmente, partiram-se dois remos, e a baleira, sem nada avançar, era apenas um joguete das vagas que se encrespavam e rolavam ameaçadoras.

—Icemos a vela, e corramos com o tempo, senão querem que vamos todos para o fundo—disse o patrão-mór.

E' realmente feio isto d'ir para o fundo, mas ainda mais feio pensar uma pessoa em ser engulida por um tubarão, ou asphyxiada por uma jamanta. Pensámos seriamente no caso. Desfraldou-se a vela, e o barco partiu n'uma carreira vertiginosa.

Um relampago protector rasgou momentaneamente a cerração que nos desorientava, deixando-nos antever para a esquerda as fórmas vagas d'um palmar.

Emfim, conseguimos arribar, e boa estrella nos conduziu a um tecto hospitaleiro.

O sr. Alfredo d'Oliveira Cruz Coimbra achava-se com sua esposa no balcão do sombreiro, admirando a violencia da tempestade. Subitamente, vêem ambos despontar, ao fundo da avenida que vae á praia, um volume de fórmas incomprehensiveis, a correr... a correr... e atraz d'elle uma enfiada de fórmas mais distinctas, tambem a correrem... a correrem... Que será aquillo que ali apparece?... disseram um para o outro.

O sr. Cruz muniu-se de coragem e d'um guarda-chuva, e foi reconhecer os objectos moventes que lhe invadiam a propriedade.

Em primeiro logar topou commigo, na frente da columna, magestosamente sentada nos braços de dois negros, formando cadeirinha. Seguiam-me os meus companheiros, transformados em gotteiras ambulantes, levando um d'elles na mão um sacco de tarlatana verde para apanhar *borboletas*. Na retaguarda, os marinheiros conduzindo alguns volumes; e, ladeando-nos, os moleques, saltando, e berrando uma cantilena que sempre os oiço entoar quando ha trovoada.

O sr. Cruz e sua esposa entenderam que tão triste situação exigia caras muito compungidas, mas quando ensaiavam arranjal-as e entoavam os primeiros compassos de lamentação em tom menor, a gargalhada estalou, arrasando os diques do *ceremonioso*, e foi reproduzida em todas as oitavas, terminando n'um côro geral.

D'esta estimavel familia recebemos agasalho, de vestir, de calçar e de comer. Todos os ramos da virtude hospitaleira.

Durante toda a noite sentimos bramir a tempestade, psalmodeada pelos palmares que nos cercavam. As palmeiras soltam gemidos á fustigação do vento; o seu rumorejar, produzido pelo embate das grandes palmas pendentes a uma grande altura, é tão rijo, tão sonoro, e tão plangente, que se não assemelha á voz de nenhum outro arvoredo. Estas tempestades costumam durar tres dias. Desistimos de continuar a viagem por agua até á Mutamba, como era nosso intento. Ainda mais um dia e uma noite tivemos de ficar na Machicha, hospedes do sr. Cruz, esperando que chegassem os carregadores, maxileiros e cypaes que mandámos chamar a Mutamba, onde nos aguardavam. Ignoravamos o destino da lancha conductora das nossas bagagens; logo á sahida a tinhamos perdido de vista, e não podiamos dispensar os nossos unicos recursos; estavamos, porém, esperançados de que ella já teria chegado a Mutamba, e animados por esta ideia e pela febre de proseguir, partimos para ali, onde, no fim d'uma extensa marcha, nos esperava a decepção de não a encontrar. A primeira ideia foi retrocedermos e desistir, mas o empenho de chegarmos ao Inhassime era grande, e ainda resolvemos seguir para a Malahiça, esperar a lancha, ou voltar para traz, caso ella não apparecesse.

Na Mutamba não tinhamos recursos para poder ficar. Emprehendemos a marcha forçada, e já muito de noite chegámos á feitoria Regis, situada na proximidade da lagôa Nhaguengo, na Malahiça.

No dia seguinte tivemos a alegria de ver chegar as nossas bagagens, e resplandecer um sol ardente para as seccar.

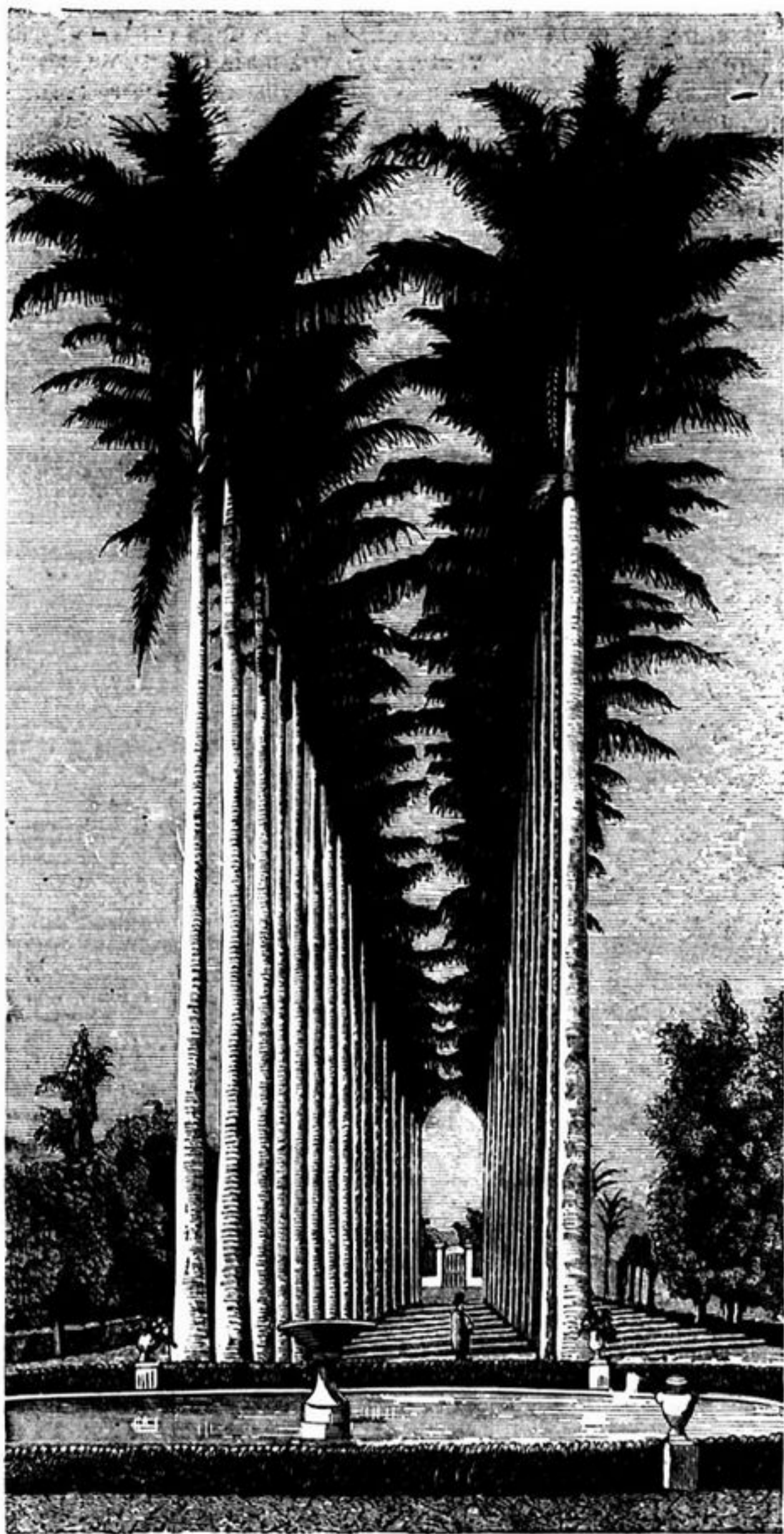
Tinhamos pois os elementos de poder seguir para Inhassime.

Eis-nos finalmente em face do grande lago, gigante inaccessivel envolto n'um veu mysterioso.

D'onde vem?... Para onde vae?...

Formulam supposições mais ou menos fundadas, mas ninguem ainda ousou investigar as suas margens longiquas. Deve ir dar ao Limpopo, ao norte do Transwal, aventuram os mais auctorisados, e accrescentam: Era uma via de communicação utilissima a navegação do Inhassime com o paiz das boers. Dizem-n'o conhecido e perfeitamente navegavel desde Poelléle até a affluencia do Chicamo, que monta a uma distancia de 30 leguas.

Porém tu, lago grandioso, guarda no seio virgem das tuas aguas o segredo do teu verdadeiro ser.

Só tu sabes onde nasces, e onde morres! O teu mysterio não foi ainda rasgado pelos geographos e exploradores. O enfunar das velas, o bater do helice e as pragas dos marinheiros tarde ou nunca irá perturbar o repouso da tua plucida solidão

O JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Fui eu a primeira mulher branca que devassou as tuas margens e mergulhou os olhos na tua recondita formosura.

Profanarte-ia?...

Permanecemos trez dias na margem do lago. Era nossa intenção atravessal-o e ir ao Lanalla, poderoso regulo que, por justos motivos, já ha muitos annos se rebellou contra a vassalagem portugueza, e deu origem a uma guerra em que fômos batidos. Foi impossivel, apezar de todo os esforços, pôr em estado de poder navegar a unica lancha que ali existe, encalhada e desprezada.

Assentámos em dispor as coisas afim de podermos voltar em abril ou maio, indo então ao Lanalla, o que teriamos feito se o sr. ministro da marinha, Pinheiro Chagas, não houvesse por bem dispensar-nos d'esses cuidados e d'essa fadiga.

Percorri grande extensão da praia em maxila. A areia é branca e finissima, semeada de conchas e seixos de cores variadas. A agua tem uma arrebentação forte e é ligeiramente salobra. O lago tem marés, e affiançaram-me os pretos que habitam nas suas proximidades, que tem tubarões. Provei a agua e achei-a quasi potavel, não acreditando por isso que tenha tubarões, que se não encontram fóra das aguas salgadas.—Que no lago ha bicho, e bicho que mata gente, não duvido; sei que alguns negros teem sido victimas estando a banhar-se, arrebatados á vista dos outros por um monstro marinho, que, creio, seja o jacaré ou a serpente, a não ser algum outro animal desconhecido.

Ao longo da praia abundam vestigios da ultima invasão dos vatuas, que teve logar em janeiro de 1884. Os vatuas são subditos do Muzilla, e vivem da rapinagem. São aguerridos; além das armas cafreaes, possuem boas armas de fogo, das quaes sabem servir-se com destreza, e constituem hordas que levam o terror a toda a parte. Entram n'uma povoação, assassinam todos os homens e creanças, roubam as mulheres, os gados e mantimentos, largam fogo ás palhotas, e seguem para outro ponto a fazer o mesmo.

Remechendo na areia, em busca de conchas, encontrei um craneo humano; então os negros fizeram-me notar muitas ossadas dispersas pela praia.

A perspectiva do lago é bella e magestosa. Da margem opposta apenas se avistam os contornos d'umas serras esfumados no limite do horisonte. De cá, a praia, uma estirada facha branca descrevendo curvas, a perder-se de vista, entre o azul das aguas e a verdura das florestas.

Vagueando pelo interior d'uma d'essas florestas, fui encontrar uma verdadeira forja de feitiços. Era n'uma encruzilhada, uma pequena clareira muito limpa; ao centro umas filas d'arbustos dispostas sysmetricamente. Uma d'essas linhas via-se que era destinada a espetar cabeças e despojos de victimas. Nos galhos dos arbustos viam-se craneos humanos, trapos, cabacinhas, môcas, e fragmentos de muitos outros utensilios. Outra, em frente d'esta, apresentava entre cada arbusto uma panella de barro. Contei oito, de tamanho graduado, d'uma bastante grande, á ultima muito pequena, enterradas até meio.

E' n'estas vazilhas que os pretos vão preparar os venenos para o *moave* resolver os seus *milandos*, enfeitiçar e desenfeitiçar. Antes de partirem para a guerra vão ali fazer remedios e *casenchices* para serem bem succedidos, e quando voltam, lá vão espetar as cabeças, no recinto dos sortilegios, e depois os mais tropheus que trazem, pertencentes ás suas victimas.

Chegou o dia da partida. Pelas cinco horas da manhã fazia as minhas despedidas ao soberbo e formoso lago que os meus olhos, de certo, não tornarão a ver, recostava-me na maxila e punhamonos a caminho, entre os nossos cypaios de espingarda ao hombro.

A maxila seria o melhor dos meios de conducção, se tivessemos o previlegio das bruxas das aldeias do nosso Portugal, que fazem levar «por cima de toda a folha.»

Por cima de toda a folha era a maxila superior a tudo, para commodamente jornadear. Imagine-se um sofá com estofo e fôfas almofadas, suspenso por correntes e um varal que os pretos apoiam no hombro. Mas o peior é irmos apenas uns dois palmos levantados do terreno, o que nos expõe a sermos arranhados e esfarrapados pelo matto. Por isso quasi sempre me fiz conduzir n'uma rede envolvida n'um panno exteriormente, para as malhas não pegarem no matto, e deitando sobre o varal uma fina esteira de Madagascar que me protegia do sol e da chuva, formando o todo exactamente uma trouxa enfiada n'um pau, conduzida por dois individuos. Nada elegante, mas fiquei incolume d'arranhaduras.

Quando o sol começava a apertar chegavamos á povoação do régulo Nhanomba, que nos veio receber ao caminho acompanhado da sua côrte, trazendo na frente a bandeira portugueza. Uma parte da nossa comitiva tinha-nos precedido, os cosinheiros já nos estavam preparando o almoço e os moleques pondo a meza debaixo das copadas arvores. A povoação de Nhanomba é muito grande e bonita. Largas ruas com as palhotas muito bem alinhadas, e pelo meio renques de laranjeiras, palmeiras e muitas outras arvores, e palhotas espaçosas, notando-se no grupo fóra do alinhamento, aonde reside o régulo, suas principaes mulheres e os seus grandes, portas com lavores muito bem feitos.

Como todas as outras, esta povoação está defendida pelas florestas e mattos que a circundam.

(Continúa no proximo numero.)

HORTENSIA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA